

UMA REALIDADE EVIDENTE: A INDISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR

Renata Aparecida da Silva
renatalove2005@hotmail.com

Resumo

O presente artigo propõe um olhar reflexivo acerca da questão da indisciplina no contexto da escola atual, a qual tem sido vista como um tema que apresenta uma multiplicidade de interpretações referentes à relação professor/aluno e aluno/aluno com problemas sociais e conflitos nas relações familiares. Este trabalho oferece pistas para a compreensão de uma realidade escolar num contexto específico: a indisciplina no contexto escolar. Este artigo tem como objetivo compreender o papel da escola e da família na produção da indisciplina, assim como identificar no contexto escolar o que é um comportamento indisciplinado e compreender os fatores internos e externos que levam o educando a indisciplina, investigar suas possíveis causas no contexto educacional. A indisciplina é geralmente centralizada no educando e nas suas relações durante o cotidiano escolar. Coloca-se em discussão por que atualmente as crianças não obedecem nem aos seus pais, tampouco aos educadores? Os educandos hoje não têm limites? De quem é a culpa pela indisciplina: da instituição escolar? Dos pais? Dos educadores ou dos próprios educandos? A indisciplina no contexto educacional necessita de uma análise a partir de diferentes ângulos, procurando avançar nas questões que a envolvem, pois tanto a escola quanto a família participam na produção da indisciplina do educando no contexto escolar.

Palavras-chave: Indisciplina; Cotidiano escolar; Família/Educador/Educando.

Abstract

This paper proposes a reflective look on the issue of indiscipline in the context of the current school, which has been seen as a subject having a multiplicity of interpretations regarding the student-teacher ratio, student / student, social problems and conflicts in family relationships. This work provides clues to understanding a school reality in a specific context: "indiscipline in the school context." Indiscipline is generally centered on the learner and their relations during the school routine. Arises under discussion by the children who currently do not obey

nor his parents nor educators? The students today have no limits? Who is to blame for indiscipline: school institution? Parents? Educators or learners themselves? The indiscipline in educational settings requires an analysis from different angles, looking forward on questions that involve, for both the school and the family involved in the production of indiscipline of learners in the school context.

Keywords: Indiscipline; School routine; Family / Educator / Parenting

INTRODUÇÃO

O tema indisciplina contém uma multiplicidade de interpretações por ser um conceito que apresenta diversas manifestações inseridas nos aspectos envolvidos e desenvolvidos dentro e fora do contexto escolar, tais como: relação professor/aluno, relação aluno/aluno, currículo oculto, problemas sociais, baixa qualidade de vida, conflitos nas relações familiares, etc. No campo individual, a indisciplina pode ter diferentes sentidos que dependerão das vivências cotidianas de cada indivíduo e do próprio contexto no qual está inserido.

Atualmente, e no decorrer da História, é inevitável que a educação moral esteja presente na formação do ser humano como indivíduo e que, conseqüentemente, um dos fins da educação seja justamente o desenvolvimento pleno do educando, isto é, de suas de suas funções mentais, em todas as áreas cognitivas, através da aquisição de conhecimentos e de valores morais.

A indisciplina no contexto educacional necessita de uma análise a partir de diferentes ângulos, procurando avançar nas questões que a envolvem no contexto das práticas que fazem o dia a dia das escolas, pois tanto a escola quanto a família participam na produção da indisciplina do educando no contexto escolar.

Nessa premissa, é preciso fazer um resgate etnográfico acerca da relação da família e da escola, tendo em vista que a família é o alicerce para o desenvolvimento do indivíduo, independente de sua formação. A convivência familiar é fundamental para que o educando se insira no meio educacional sem problemas de relacionamento disciplinar, entre ele e a comunidade escolar. Já a escola pode ser pensada como o elo entre a família e a sociedade, mas, para que isto ocorra, é necessário que haja a mediação entre a escola e a família, pois é nelas que se formam os primeiros grupos sociais de uma criança.

Assim sendo, este artigo tem como objetivos compreender o papel da escola e da família na produção da indisciplina, assim como identificar no contexto escolar o que é um

comportamento indisciplinado e compreender os fatores internos e externos que levam o educando à indisciplina e investigar suas possíveis causas no contexto educacional.

ORIGEM DO TERMO FAMÍLIA

O termo “família” é derivado do latim “famulus”, que significa “escravo doméstico”. Este termo foi criado na Roma antiga para designar um novo grupo social que surgiu entre as tribos latinas, ao serem introduzidas na agricultura e também na escravidão localizada. Dessa forma, podemos definir família como um grupo de pessoas que se relacionam entre si dentro de um contexto social, ou seja, a família é formada por indivíduos com ancestrais em comum ou ligada pelos laços sanguíneos, porém ela não é apenas uma instituição de origem biológica, mas, sobretudo, um organismo com nítidos caracteres culturais e sociais.

Na família, ocorrem as primeiras trocas afetivas e emocionais e é através dela que cada indivíduo passa a construir a sua identidade e a sua personalidade, mas, apesar de ser estabelecida uma inter-relação entre esses membros, cada um desempenha um papel diferente dentro desse sistema.

Um dos papéis desempenhados pela família é o de garantir a sobrevivência da espécie humana e colaborar para o desenvolvimento psicológico e social do indivíduo, o que é de fundamental importância para garantir sua sobrevivência emocional, criando um ambiente que permita a aprendizagem empírica, responsável pelo processo de desenvolvimento cognitivo dos seres humanos.

Nessa perspectiva, sabemos que a participação dos pais na educação dos filhos deve ser constante e consciente, pois educar e cuidar envolve dedicação, estudo, compreensão e, principalmente, amor de todos os envolvidos pelo processo, que é dinâmico e está sempre em constante evolução.

De acordo com Davis e Oliveira (1994, p. 23), “o aluno não aprende apenas na escola, mas também através da família”, ou seja, a família é o mais importante agente socializador, pois é no contexto familiar que a criança adquire todo o conhecimento da vida primária, que conseqüentemente refletirá na sua vida escolar.

Enfim, a família é o alicerce para o desenvolvimento do indivíduo, independente de sua formação. A convivência familiar é fundamental para que o educando se insira no meio educacional sem problemas de relacionamento disciplinar, entre ele e a comunidade escolar.

O SURGIMENTO DA ESCOLA E SUA FUNÇÃO SOCIAL

A escola nasceu nas civilizações da Mesopotâmia e do Egito e, desde a sua criação, ela foi um estabelecimento restrito às elites. Porém, esse quadro sofreu modificações no século XVIII com o movimento da ilustração (corrente de pensamento que defendia o ideal de escolarização para todos).

No início a criança recebia aulas de um pedagogo em sua residência, o que favorecia seu contato com a educação em seu sentido mais amplo: o ensinamento de valores e condutas sociais básicas. Para aprender as habilidades instrumentais básicas, como ler, escrever e calcular, ela frequentava a escola. Dessa maneira, o ensino foi dividido em educação e instrução.

Com o Iluminismo, a escola passou a exercer mais a função de instrução do que de educação e, no decorrer dos séculos XIX e XX, o ensino já passava a ser obrigatório na maioria dos países. Na transição de escola elitista para a democrática, a escola foi marcada pelas dificuldades de aprendizagens, evasão escolar e outros problemas relacionados à expansão do ensino.

Tendo em vista que a escola é uma instituição social, uma de suas funções é ensinar a vários indivíduos lições de como conviver em sociedade. Dessa forma, no que se refere à vida escolar:

a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Se a nossa opção é progressista, se não se está a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não se tem outro caminho se não viver a opção que se escolheu. Encarná-la, diminuindo, assim, a distância entre o que se diz e o que se faz. (FREIRE, 1999, p. 18)

A vida escolar e a vida familiar deve estabelecer um estreitamento de relações para ajudar os educandos no processo ensino-aprendizagem e na sua formação social. Esta relação deve estar presente em qualquer atividade que a escola desenvolve, pois ela deve sempre procurar informar aos pais sobre a vida escolar de seu filho, desde os aspectos relacionados ao ensino-aprendizagem ao comportamental, assim,

a escola nunca educará sozinha, de modo que a responsabilidade educacional da família jamais cessará. Uma vez escolhida à escola, a relação com ela apenas começa. É preciso o diálogo entre escola, pais e filhos. (REIS, 2007, p. 6).

Freire (1996, p. 23), evidencia que “ensinar não é transferir conhecimentos”, isto é, ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção para o mundo. Nessa perspectiva, na qual entra a atuação da família no acompanhamento do processo pedagógico, pois o envolvimento dos pais nas escolas produz efeitos positivos tanto nos pais como nos educadores e principalmente nos educandos.

As escolas proporcionam e contribuem para que as sociedades se perpetuem, transmitindo valores morais que integram as sociedades, porém elas também podem exercer um papel decisivo nas mudanças sociais. Segundo Arroyo,

a educação moderna vai se configurando nos confrontos sociais e políticos, ora como um dos instrumentos de conquista da liberdade, da participação e da cidadania, ora como um dos mecanismos para controlar e dosar os graus de liberdade, de civilização, de racionalidade e de submissão suportáveis pelas novas relações sociais entre os homens. (ARROYO 1995, p. 36)

Neste contexto, a escola revela-se um campo privilegiado, um espaço de prazer, de trocas, de experiências, onde se aprende a viver e a conviver, um espaço de operacionalização da educação, produção e difusão de novas práticas e tecnologias. Em suma, cabe à escola, como instituição de ensino, formar cidadãos que sejam críticos, reflexivos e conscientes de seus direitos e deveres, assim como capazes de compreender a sociedade em que vivem e estejam aptos para proporcionar mudanças voltadas para a construção de uma sociedade mais justa.

Assim, para podermos compreender o que é a indisciplina e o que é um comportamento indisciplinado, temos que entender o que é a disciplina no ambiente escolar.

DISCIPLINA VERSUS INDISCIPLINA

A palavra disciplina é utilizada para indicar, em educação, a disposição dos alunos em seguir os ensinamentos e as regras de comportamento da instituição escolar. Devido ao fato de a disciplina constituir-se em um hábito interno que facilita a cada indivíduo o cumprimento de

suas obrigações, por assim dizer, surge o comportamento indisciplinado que, de certa forma, contribui para a exclusão escolar, o que gera um grave problema social. De acordo com Aquino (1996, p.40), “embora o fenômeno da indisciplina seja um velho conhecido de todos sua relevância teórica não é nítida”.

As causas da indisciplina escolar são muitas, dentre elas podemos citar: causas externas à escola (como a relação professor-aluno, o ambiente escolar, as condições de ensino-aprendizagem, o processo pedagógico, a (des)organização da sociedade, o desinteresse do aluno decorrente da tecnologia que tem acesso fora da aula, o perfil dos alunos e sua capacidade de se adaptar aos esquemas da escola, traços de personalidade do aluno etc) e as causas internas à escola (como as formas de intervenção disciplinar que praticam, o ambiente familiar, a pobreza, a influência exercida pelos meios de comunicação, os modos de relacionamento humano, a violência social, a falta de limites, etc.)

Faz-se necessário ressaltar o papel do educador na instituição escolar. O educador é o coordenador do processo educativo e, junto com os educandos, cria e transforma espaços pedagógicos, tornando-os interessantes, estimulantes e desafiadores, para que haja a construção de um conhecimento escolar significativo, crítico e principalmente dialógico.

A dialogicidade entre educador e educando é fundamental para que a aprendizagem ocorra de forma significativa, pois a consequência da indisciplina escolar retrata-se no fraco rendimento escolar, o que leva os educandos a investirem pouco nas tarefas escolares e a se desinteressarem pela escola, o que, eventualmente, desencadeia emoções negativas, as quais se traduzem em comportamentos inadequados, indisciplinados, e que claramente nos indica a correlação entre indisciplina e moralidade. Para Araujo (1996) a moralidade está pautada às regras, mas nem toda regra apresenta vínculo com a moralidade, isto é, para que a regra esteja vinculada com a moralidade, ela não deve ser imposta, mais sim, baseada na justiça.

RELAÇÃO FAMÍLIA/ESCOLA

Atualmente, a relação família e escola mudou muito, o que é refletido e sentido pelo educando no contexto escolar. Assim, ESTEVE (1999), nos afirma que a família abandonou suas responsabilidades no campo educativo e passou a determinar que a escola cumpra essa função que eles não podem preencher. Assim, a cena que visualizamos atualmente é de

crianças que chegam à escola e desenvolvem suas atividades escolares sem qualquer ajuda familiar, o que ocasiona muitas vezes um desconforto ao educador e ao educando.

Por outro lado, temos famílias que participam na vida escolar do educando, o que proporciona a integração deles, melhorando consideravelmente o processo ensino-aprendizagem, proporcionando o binômio escola/família, uma vez que não se aprende só na escola.

Segundo Tiba (2002, p.180) “[...] percebo que as crianças têm dificuldade de estabelecer limites claros entre a família e a escola, principalmente quando os próprios pais delegam à escola a educação dos filhos [...]”. A estrutura familiar sofreu várias mudanças ao longo dos anos, devido à evolução política, econômica, social e cultural relacionadas ao capitalismo, porém isto não isenta a família de seu papel educador – essencial ao desenvolvimento e à integração do filho à sociedade.

Ainda de acordo com esse autor (2002, p. 258), “o grande ensinamento educativo é que a criança não pode fazer simplesmente o que tem vontade, mas deve administrar essa vontade”, isto é, “quem ama educa”, cabe aos pais falarem a mesma linguagem da instituição escolar, porque são eles os responsáveis legais e morais pela educação dos filhos em termos disciplinares.

A quem cabe a responsabilidade do comportamento indisciplinar no contexto escolar? Os pais são os responsáveis legais e morais pela educação dos filhos em termos disciplinares. A escola é a instituição responsável por oferecer e oportunizar a educação básica de qualidade. O educador é o mediador do processo ensino-aprendizagem. O educando é o ator/sujeito central de toda essa trama, é nele que se focam os olhares, pois ele elabora seus conhecimentos a partir de suas vivências, desenvolvendo ou não seu senso crítico a percepção holística do mundo e a visão de contexto global. Diante disso, questiona-se qual é a postura do educador, dos pais e da escola frente a essas questões? Qual o real motivo da indisciplina?

Essas são questões conflituosas e para resolvê-las se faz necessário o convívio cotidiano dentro da instituição, pois, de modo geral, essa formação deve partir da instituição e voltar-se para funcionários, educadores e educandos, para juntos vencerem as questões disciplinares que afetam tanto a aprendizagem.

PARCERIA NECESSÁRIA PARA A ERRADICAÇÃO DA INDISCIPLINA

Sabemos que o problema da indisciplina está ligado a uma realidade maior que atinge grande dimensão, sendo assim esta questão necessita para seu enfrentamento o envolvimento de áreas do conhecimento.

Neste contexto, lançar um olhar psicopedagógico sobre a indisciplina escolar é trabalhar dentro das diferenças, aprofundando-se dentro de um paradoxo que faz parte de nossa vida, da vida de nossos filhos, irmãos, sobrinhos, amigos, enfim, é trabalhar de forma interdisciplinar, pois, a indisciplina não é um fenômeno estático, é preciso analisá-la de acordo com os condicionamentos do educando que a provoca ou da situação na qual se manifesta, por isso tem que ter muita reflexão, para não adentrar no senso comum diante das suas formas de expressão, causas e implicações.

Para Antunes (2002, p. 25), “ensinar não é fácil e educar mais difícil ainda, mas não ensina quem não constrói democraticamente as linhas do que é e do que não é nítido.” Assim, a indisciplina no contexto escolar representa um desafio dentre as maiores preocupações pedagógicas. Sendo assim, qual é o papel das instituições familiares, educadores e a escola diante da indisciplina escolar e do educando indisciplinado?

Para tentar compreender a indisciplina escolar, é necessário analisá-la sob a visão dos diferentes elementos envolvidos nela (educadores, pais, educandos e a instituição escolar). Sendo assim:

entendemos que é necessário identificar, principalmente, os pressupostos subjacentes às explicações geralmente manifestas pelos educadores, que acabam por revelar, ainda que de maneira implícita, determinadas visões sobre o processo de desenvolvimento e aprendizagem do indivíduo, e como decorrência, o papel desenvolvido pela escola. (REGO, 1996, p.87).

Portanto, há a necessidade de um conhecimento amplo acerca do processo de desenvolvimento e da aprendizagem dos educandos que o educador deverá possuir para uma contextualização mais adequada dos comportamentos de (in) disciplina. De acordo com Piaget (1998, p.181) :

mas, ainda que fôssemos educadores até a medula dos ossos, é preciso conhecer não apenas as matérias que ensinamos, mas também a própria criança, a quem nos dirigimos, ou o adolescente: em suma, o aluno enquanto ser vivo, que reage se transforma e se desenvolve mentalmente segundo leis tão complexas como as de seu organismo físico.

É necessário um olhar minucioso e diferenciado para um maior entendimento e enfrentamento das questões relacionadas à indisciplina escolar, pois ela poderá representar o início de transformações no interior das relações escolares.

É necessário que a família participe das decisões escolares para estreitar as relações com a escola. A melhoria disciplinar vai depender da medida de comunicação e relações democráticas com a realidade escolar. Torna-se então imprescindível manter a comunidade informada quanto às realizações e às atividades escolares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema indisciplina apresenta uma enorme complexidade no contexto escolar porque de certa forma causa um entrave ao bom andamento pedagógico. Sendo assim, um dos papéis do processo pedagógico refere-se ao binômio humano representado pelo educando, com o desenvolvimento de suas potencialidades, e o educador, como pessoa que se supõe ser realizada e preparada existencialmente para ajudar o despertar de outra pessoa.

A indisciplina na escola não constitui apenas um fenômeno atrelado a determinados comportamentos de indivíduos particulares, mas pode ser pensada como um fenômeno cultural, bem como institucional. No contexto da indisciplina escolar, a educação não pode ser vista como responsabilidade apenas das escolas, pois, em qualquer setor de atividade humana, ocorre a aprendizagem nas esferas política, social, histórica e econômica.

Desta forma, podemos constatar que tanto educador quanto educando são vítimas dos problemas indisciplinares. Assim, umas das sugestões que sugerimos para a possível solução da indisciplina na escola é que o educador identifique os motivos da indisciplina e, através do diálogo, deixe bem claro para o educando quais são as regras da sala de aula e da escola. A coordenação pedagógica deve participar do cotidiano da sala de aula no sentido de orientação e não de punição ao educando.

Enfim, o presente trabalho deu-nos pistas para compreensão de uma realidade escolar num contexto específico, bem como apresentou elementos teóricos para entender a natureza do processo da indisciplina no contexto escolar. Mais que isso, permitiu vislumbrar um novo olhar para essa realidade conflituosa que ocorrem com crianças e adolescentes. E esse novo

olhar, implica romper com pragmatismos e vícios no interior de determinadas práticas pedagógicas disciplinares.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Professor Bonzinho= Aluno Difícil: a questão da indisciplina em sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

ARAÚJO, U. F. de. Moralidade e indisciplina: uma leitura possível a partir do referencial piagetiano. *Indisciplina na escola*. São Paulo: Summus, 1996.

ARROYO, M. G. **Ofício de Mestre: Imagens e auto-imagens**. Petrópolis: Vozes, 1995.

DAVIS, Cláudia e OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos, **Psicologia na educação**. São Paulo: Cortez, 1994-2.Ed.

ESTEVE, José M. **O mal estar docente: a sala de aula e a saúde do professor**. Bauru: EDUSC, 1999.

FREIRE Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 11. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GÓMEZ, A. I. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

PIAGET, J. **A pedagogia moderna**. In: PARRAT, S. & TRYPHON, A. (Org.). *Jean Piaget – sobre a pedagogia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998, p.181-190.

REGO, T. C. R. **A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana**. In: AQUINO, J.G. (Org.). *Indisciplina na escola: 72 Associação Cultural e Educacional de Garças alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996, p.83-101.

REIS, Risolene Pereira. In. *Mundo Jovem*, nº. 373. Fev. 2007, p.6.

TIBA, Içami. **Quem ama, educa**. 2.Ed. São Paulo: Gente, 2002.